



ENTREVISTA



**Fazendo festa diante do caos.**  
Entrevista com Sara Wagner York

Miriam Pillar Grossi, *Universidade Federal de Santa Catarina.*  
Cristian Darouiche, *Universidad Nacional de Mar del Plata-  
Universidade Federal de Santa Catarina*

---

Resumo. A entrevista realizada com Sara é um convite a conhecer, não só uma história pessoal de luta por reconhecimento e resistências às transfobias, mas sobretudo para refletir sobre três questões de grande importância para as teorias feministas e queer no Brasil: a) o impacto epistêmico que a forte presença de intelectuais travestis e trans têm trazido à universidade brasileira na última década, b) a força dos movimentos LGBTQIA+ no Brasil e por fim c) a importância das novas tecnologias no campo da educação, que é uma das principais contribuições de Sara York aos campos dos estudos feministas e queer no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Sara Wagner York. Ativismo LGBTQIA+. Educação.

---



## Introdução

Esta entrevista foi realizada na quinta-feira 5 de junho de 2025. Graças às possibilidades de encontros virtuais que o período da pandemia de Covid-19 permitiu e que se tornou parte integrante de nosso cotidiano acadêmico. Fizemos esta entrevista, de modo virtual, com Sara Wagner York, ela no Rio de Janeiro e nós, entrevistador(a) Miriam Grossi e Cristian Darouiche, em Florianópolis.

Sara é uma das vozes trans das mais potentes hoje no Brasil, como comunicadora e intelectual engajada. Foi moradora de rua. Primeira âncora travesti da TV brasileira, é conhecida por seus programas “Sextou com Sara” e “Programa de Travesti” no canal Youtube de TV 247. Prestes a defender o doutorado em Educação na UERJ, Sara tem uma sólida trajetória acadêmica, tendo feito vários cursos de graduação (em Pedagogia, Letras - Inglês, Português, Línguas Vernáculas-, Jornalismo e Biomedicina), muitos cursos de especialização e aperfeiçoamento no campo da Educação como Gênero e Sexualidade (GES) e Orientação, Supervisão e Inspeção Escolar e defendido em 2020 mestrado em Educação na UERJ com dissertação intitulada “*Tia, você é Homem? Trans da/na educação: Des(a)fiando “cistemas”e ocupando a Pós-graduação*”.

## A entrevista

**Cristian Darouiche:** Você poderia nos contar rapidamente da sua história, onde nasceu, onde cresceu e estudou sua transição, sua migração para a Inglaterra e sua volta para o Brasil.

**Miriam Grossi:** Gostaríamos que tu contasses rapidamente para quem não te conhece ainda, conhecer um pouco dessa tua impactante trajetória.

**Sara York:** Eu sou uma criança que nasceu sem saber a sua origem. Eu fui descobrir que eu era uma criança adotada, na verdade retirada da minha genitora, por volta de 11/12 anos, no momento de minha expulsão de casa. Eu cresci com uma avó muito carinhosa, e eu sempre perguntava a ela porque que minha mãe não gostava de mim. Eu tinha essa percepção, que confirmei depois, quando eu descobri que minha mãe me pegou, ou talvez tenha me comprado ou se apossado de mim em um hospital do interior de Goiás, em uma cidade chamada Itapirapuã,



que nunca conheci. Eu só fui ver meu documento de registro quando, anos depois, eu fui fazer um trabalho para a ABRAI (Associação Brasileira de Pessoas Intersexo) para ajudar a entender o grande problema que é a certidão de nascido vivo. Para as pessoas Intersexo esse primeiro documento é fundamental. É um novo documento que minha geração não teve, porque antes não se tinha acesso a esse documento. E, ao fazer este trabalho para a ABRAI, eu lembrei que eu tinha esse documento desde muito jovem, que já tinha um documento que ninguém tinha. E neste momento eu vou atrás de minha história. Nunca consegui descobrir quem era minha mãe biológica. Dizem que era uma doida. Uma mulher doente mental, que tinha sido violentada por um artista de circo com quem teve uma relação. Então, eu vou nascer de um *golpe da barriga* da minha mãe, que não é minha genitora. Olha que complicada essa história. Ela tinha 4 filhos e precisava se livrar do casamento para poder ficar com o amante. E, para ficar com esse amante, ela deu um *golpe de barriga*: inventa que está grávida, e essa criança sou eu. Talvez o que ela não imaginasse, é que essa criança ia dar muito trabalho para ela. E ao “pegar uma criança”, vem junto uma questão moral, uma questão que precede meu nascimento. E hoje entendo que foi o patriarcado que precedeu minha chegada no mundo.<sup>1</sup>

Eu vou ser expulsa de casa com uns 12 anos. Vou participar de Igrejas, buscando diversas formas de religar, na busca de Deus. Porque quem não tem nada e não tem com quem contar, vai atrás da religião. Lembro da minha avó falar e me mostrar uma imagem: “ó, olha para essa mulher aqui, oh, essa mulher é a chave de todas as respostas.” Essa mulher era Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Minha avó paterna era muito católica e dizia: “toda vez que você tiver dúvida, venha aqui nessa mulher, porque ela tem todas as respostas para você. Nunca vai faltar resposta.” Acho que eu fui procurar essas respostas na religião porque eu fui jogada pra fora de casa. Quem me recebeu na rua foram as travestis, porque eu já era travesti e quando fui colocada para fora de casa, meu irmão disse assim: “coloca para fora mesmo, mãe. Eu vi, ele estava fazendo programa ontem como os travestis.” E para mim aquilo foi a glória. Eu já era uma criança que sempre apanhava muito e sofria muito nas e das piadas dos meus 4 irmãos, mas aquele dia foi o dia de alegria, porque na hora que ele falou isso, eu pensei: “Eita, esse é o meu lugar”.

---

<sup>1</sup> Ela está se referindo a uma estrutura de dominação sobre as mulheres por parte dos homens -principalmente dos maridos- e as famílias. Tem muitas denominações sobre o conceito patriarcado, mas aqui está fazendo referência a uma dominação e um controle sobre a vida da mulher por parte dos homens (maridos).



Eu achei os meus iguais. Eu fui viver com essas travestis, cresci com essas travestis, até que por volta dos 14, 15 anos, quando meu pai fez grandes esforços, eu voltei pra casa. Mergulhei numa fase de profunda religiosidade, quase santa. Frequentei a igreja e me envolvi com um menino de 17 anos, preto e lindo. Eu, uma bichinha branquinha de 14 anos, estávamos vivendo “coisas”, quando ele me proferiu: “Você vai para o inferno”. Eu parei, e um pensamento atordoado me invadiu: “Mas estava tão bom, por que o inferno? Que absurdo é esse?” E então eu rebati: “Você também vai”. Ele respondeu: “Não vou porque eu sou filho do pastor e aceitei Jesus”. E foi assim que, aos 15 anos, eu adentrei uma igreja evangélica, a Assembleia de Deus.

Na igreja, absorvi toda a sua ritualística, as doutrinas sobre os pecados e a aceitação de Jesus. Compreendi que aquilo que eu sentia e fazia, o desejo carnal, era condenável. Contudo, aqui no Brasil, o entendimento da sutil diferença entre prática sexual e expressão de gênero estava muito aquém. Mesmo sem práticas sexuais homossexuais, minha expressão de gênero já era, por si só, condenatória. E foi ali que eu fui submetida à cura gay, à terapia de conversão. Durante essa terapia, me envolvi com a mãe do meu filho. Eu com quinze anos, ela com vinte e quatro. Eu estritamente não sabia o que estava fazendo; ela, sabia muito mais. E voltamos desse lugar, e ela estava grávida da única relação sexual que tivemos.

O crescimento do nosso filho foi um problema sério, pois éramos duas mulheres completamente despreparadas e com propósitos de vida absolutamente distintos. Esse filho se afastou do meu convívio aos cinco anos de idade. E então eu enlouqueci, procurando-o por todos os cantos. Morei no Brasil inteiro, fiz tudo o que se pode imaginar. Quinze anos depois, desisti de procurar, e em 2011, através das redes sociais, eu achei esse filho.

Eu já era cabeleireira, conhecida em Londres, famosa, já havia ganhado o prêmio de Cabeleireira Internacional. Mas nunca contava minha história, porque eu havia feito uso de drogas, fui moradora da crackolândia, e cheguei a ficar em coma. E quando saí do coma, prometi a mim mesma que jamais contaria essa história a ninguém, que eu precisava mudar minha história para transformar meu futuro. Ninguém dá uma chance a alguém que vem da crackolândia. Mas todo mundo dá uma chance a uma bicha famosa que vem com apoio dos pais do Brasil. E foi assim que eu, meticulosamente, mudei minha vida.



E, em Londres, eu estava fazendo o cabelo da **Elza Soares**, para o show da cantora do milênio da BBC de Londres. Eu fui fazer o cabelo da Elza (de quem eu já era fã, uma conexão de coração), levando uma manicure para quem eu tinha confidenciado: “Olha, você sabe muitas coisas muito particulares minhas, entre elas a questão do meu filho e da minha família, por favor, não conte para ninguém”. Eu deixei a manicure um minuto com a Elza Soares e ela, nesse único minuto, desvelou todo o meu passado. Quando voltei, encontrei a Elza Soares, que até então estava rindo, com aquela expressão abatida. E aí eu falei: “O que é que aconteceu?” E ela, com uma voz que me atravessou, disse: “Só nós sabemos o que foi nossa perda. Ter sido traída”. E quando ela falou isso, eu senti que estava sendo arrebatada, eu morri e eu abracei a Elza.

Aí Elsa diz, “somos vitoriosas, vamos dar um beijo, pra gente comemorar essa vida”. Era moda os famosos darem selinho nas pessoas e ela diz: “vamos dar um selinho, porque isso vai ser a nossa marca”. E aí ficamos amigas, ela publicou a foto nas redes sociais dela, e a foto viralizou. E aí eu recebo uma mensagem uma semana depois, dizendo assim: “liga pra o Brasil com urgência”. Fiquei inquieta, pois aí deve ser algum desavisado, uma pessoa sem noção. Falei, eu não vou ligar porque eu não tenho nada que ver com essa gente feia, gente horrorosa. Mas meia hora depois eu ligo para o Brasil. Eu ligo, o telefone atende: “alô aqui a Sara de Londres”. E aí a pessoa falou, “espera aí, só um minutinho” e quem atendeu, falou do outro lado, “bença pai, aqui é o Vitor, sou seu filho”. Olha que coisa, meu filho me chama de pai. Naquele momento a última coisa que eu ia falar pra ele é: “me chama de mãe”. Quer me chamar de qualquer coisa, eu ia entender. Nunca foi um problema para mim ele me chamar de pai, porque ele sabe que o pai dele tem duas tetas, que o pai dele é uma mulher. Ele tem essa consciência. Tinha 15 anos, que eu não via meu filho e para mim, esse é o momento de virada. Foi ali que eu decidi que eu ia voltar para o Brasil. Eu já tinha um plano traçado na cabeça em menos de cinco segundos: eu ia voltar para o Brasil, abrir um salão de beleza pois eu podia ganhar dinheiro como cabeleireira em qualquer lugar com a história e as fotos que eu tinha, e eu ia dar aulas de inglês em alguma escolinha, ser feliz com meu filho e ponto. Meu filho tinha vinte anos, redondo. Então esse momento é muito impactante e muito importante para mim.

Isso foi em 2011, mas em 1991, eu já conhecia toda a estrutura opressora brasileira. Por incrível que pareça, em 1992 eu vou fazer o “Rei da vela”, porque eu já fazia teatro, como ator, um ator meio atriz, porque o personagem era “Totó Fruta do Conde”. Este personagem é uma coisa



deslumbrante, e para fazê-lo eu já era Sara. A Sara nasceu cedo, porque muito jovem minha voz já era confundida com a voz da minha mãe. Tanto que quando eu atendia o telefone dizia “alô” e as pessoas diziam, “é a Branca que está falando”, e eu falava “não é o Júnior”. “É o Junior, com essa voz?” Talvez eu não fosse mesmo o Júnior e eu até brinco que o nome social é constitutivo da minha história, porque eu tive vários nomes sociais. Eu me chamei Marcela, eu me chamei Sandra, eu me chamei Surama, eu me chamei com vários nomes. Exatamente por causa da voz, tive meu primeiro emprego numa rádio, por causa da voz. Era o início das aulas no Studio Dançarte e aula de Teatro no Martim Cerere. Eu estava aprendendo e ensinando.

Então volto para o Rio de Janeiro, em 2011, para encontrar meu filho, e montar meu salão. Comprei a passagem e aluguei uma casa por um ano, organizei minha vida pois eu tinha poupado dinheiro ao longo do período em que morei em Londres. Eu aluguei um apartamento em Copacabana, um apartamento lindo, de frente ao mar, uma coisa boa de viver, num prédio em cima do Banco Itaú, onde estava meu dinheiro. Mas essa alegria durou só um dia, porque eu desci do apartamento e quando eu chego no banco Itaú para sacar o dinheiro, eu descubro que não tinha nenhum centavo na minha conta. Todo o dinheiro tinha sido sequestrado pela receita federal porque quando eu fui para a Europa, para Londres, meu irmão (e minha mãe) pegaram o meu nome para poder registrar um posto de gasolina. E esse posto ficou alienado e eu perdi meu nome dessa forma. Eu nunca mais vou ver esse dinheiro.

Meu filho vai chegar uma semana depois e eu já tinha coisas mais ou menos pagas, eu tinha duas notas de cinquenta libras, que dava algum dinheiro, mas não é um dinheiro para você ter um conforto. E aí meu filho chega, eu tenho esse vídeo, eu vejo meu filho no aeroporto Santos Dumont, ele imenso, ele grande, um metro e noventa e ele vem me abraçar. E quando abracei meu filho, aí eu me acabei. E foram cinco ou seis minutos de eternidade. Eu abraço, sinto o coração dele bater, e eu sinto no fundo. Eu pensei: tenho meu salão, meu filho e agora só falta dar aula de inglês. E aí passam dois homens do lado, e falam, “Olha aí a vergonha do Brasil”, “Olha o que esses viados estão fazendo”. Eu ouvi aquilo, fiz que não ouvi, meu filho ouviu também, depois ele me contou. A gente se afastou, o tempo passou e fiquei sem chão. Saí tentando pegar a mão dele, pegar o ombro, não sabia como agir, e ali eu também já entendia que ia ficar sem saúde mental, sem salão e sem filho. Porque estar perto dele poderia ser uma ameaça a vida dele. A gente vai para



Copacabana e no dia seguinte a gente é violentado novamente. Ele ia na frente e eu atrás. E eu vi e pensei: “olha que ombrão”, “cara que coisa bonita”. Eu fiz um filho, e olha esse tamanho que esse virou, e uma pessoa, e aí eu cheguei por trás dele e pego pelo ombro, e abraço, e falei, “você é lindo demais”. E aí mais uma vez, alguém joga uma pedra e fala: “vai tomar no cu, viado”. Eu paro. Fiquei com ele mais alguns dias, aluguei um apartamento mais longe do Rio porque sabia que não ia ter dinheiro para pagar o aluguel. Eu tinha uma amiga que tinha um salão, num hotel, em Barra de São João, no interior do Rio de Janeiro. Eu fui ficar com ela, fui morar com ela, sem um centavo. Ela me perguntava: “o que você vai querer comer Sara? O que você vai querer de café da manhã Sara?” E assim, durante uns seis meses. Ela nunca me pediu dinheiro, “dinheiro” nunca ouvi essa palavra. Aí eu me senti muito acolhida e ela disse: “eu acho que você não vai aguentar ficar parada muito tempo, porque você não inventa um negócio? Porque você não arruma um emprego num salão bacana?”. Neste momento eu decidi prestar um concurso. Arrumei um emprego num salão de beleza, passei no concurso da prefeitura e virei professora de teatro. Fui a primeira travesti concursada da região, aliás, até hoje não teve outra. Torno a ser professora de teatro em São Pedro da Aldeia (2014), porque eu tinha estudado teatro, tinha sido coreógrafa e me sustentei como coreógrafa por muito tempo.

Eu já estava mais propensa a entrar no campo da educação, depois que tinha entrado na escola. Fiz o vestibular da Universidade do Estácio de Sá, liguei pra meu filho, “filho, passei no vestibular do Estácio de Sá”, e aí ele falou assim, “Qual curso, meu pai?”. Aí ele diz assim: “pai, todo mundo passa no vestibular da Estácio”. Foi a primeira vez que eu senti um descrédito da universidade particular brasileira. E nesse mesmo dia, eu decidi prestar o vestibular da UERJ e passei em primeiro lugar. Fiz a duas universidades juntas. Eu fiz Inglês na Estácio, e fiz Pedagogia na UERJ. Eu fui graduada com a diferença de um ano, de uma pra outra, porque como são as mesmas disciplinas nos dois cursos eu fiz um monte de disciplinas na UERJ e depois validei na Estácio. Então acabei me formando em inglês antes de me graduar em pedagogia. Depois vieram as graduações em Letras, em Português, em Línguas Vernáculas, junto com as especializações em gênero e sexualidades pelo CLAM, a Especialização em Orientação Escolar, a Especialização em Inspeção Escolar e Supervisão Escolar, que são as três grandes áreas da escola, e para mim era muito importante fazer as três porque eu queria conversar com o diretor, queria conversar com o secretário, e queria conversar com



o professor. Queria entender como é que a gente se coloca nesses três lugares. E terminei o mestrado com esses títulos todos.

Mas no doutorado veio o problema. Eu passei por quatro processos seletivos e eu sou muito agradecida às professoras que me atenderam nesse processo. Porque eu disse para todas que eu ia prestar o processo seletivo em vários lugares, pois sei que não se deve prestar mais de um processo seletivo para o doutorado, e quem faz duas seleções fala. Mas eu sou uma coisa muito diferente, eu sou fora da curva porque eu tenho uma história, e essa história que me recebe na universidade. Então por essa história eu queria saber de minha nota, para poder me encontrar. E eu fiquei muito feliz porque passei em quatro Programas de Pós-Graduação e fui aceita por quatro grandes professoras, escolhi quatro mulheres, porque eu queria essa experiência com esse feminino combativo. Enfim, eu entro no doutorado. No entanto tive muitos problemas no doutorado, mas eu acho que foram problemas que me constituíram na pensadora que eu me tornei.

Em 2020, com a pandemia, tudo ficou tudo muito claro: eu doutoranda, bolsista e professora de EAD aqui na UERJ. Eu estava imersa nos estudos de Informática da Educação, o que me deu uma grande habilidade com Inteligência Artificial, prompts, regras e as metodologias do ensino a distância. Apliquei muito desse conhecimento na minha casa, que é super automatizada. Escrevo artigos da minha cozinha; dali eu simplesmente digo: "vamos escrever", e meu computador se abre e me pergunta: "É uma matéria, um artigo, o que você quer escrever, Sara York?".

Foi na pandemia que percebi algo crucial: quem tinha direito à cidade perdeu esse direito e precisou se virar no ciberespaço. E quem tinha direito ao ciberespaço não teve que se virar na cidade, por que todos estávamos supostamente isolados. Essa observação foi o início das ideias centrais da minha tese de doutorado, que explora a cultura pop, o programa de travestis, e o motivo pelo qual algumas pessoas são rapidamente aceitas com qualquer conteúdo, enquanto outras não.

**Cristian Darouiche:** Você coloca as redes e o cyberspace como um lugar bom. Quais são as estratégias do movimento LGBTIQA+ nessa luta com as ferramentas, pensando também na Argentina e no Brasil, onde a direita domina tão bem essas novas tecnologias?



**Sara York:** Tenho me aprofundado em uma vasta gama de autores, desde José Esteban Muñoz e Slavoj Žižek até outros teóricos contemporâneos. No entanto, sempre que leio esses trabalhos, me pego pensando que eles parecem desconhecer completamente as vozes das teóricas feministas brasileiras. Para nós, esse “caos” que eles descrevem é algo que “cai piroca na cabeça” – uma expressão que reflete a intensidade e a familiaridade com essa tragédia de um mundo fálico, um mundo falocêntrico. Isso aqui, nós já conhecemos desde que o mundo é mundo.

Esses teóricos estrangeiros, creio eu, não leram em português e, portanto, não compreendem a dimensão do caos que enfrentamos no Brasil há tantos anos. Minha leitura de autores como Jonathan Crary, que discute a atenção e a percepção no mundo contemporâneo, ou David Tenório, com suas análises sobre as dinâmicas sociais e culturais, e Fátima Lima, que oferece perspectivas críticas sobre gênero e poder, me fortalece nessa percepção. Eles iluminam como certas narrativas e presenças são rapidamente aceitas e disseminadas, independentemente do conteúdo, enquanto outras enfrentam barreiras intransponíveis.

Acredito que nós, do movimento LGBTQIA+, já estávamos inseridos nesse cenário, lutando por reconhecimento e espaço muito antes de as grandes teorias ocidentais o descreverem. Lembro-me de um professor que pesquisava a “Escola sem Partido” e detalhava como os professores passaram a ser monitorados, impedidos de dar aula com a porta fechada, entre outras restrições. E eu sempre dizia a ele: “Olha, esse fenômeno que você está estudando, eu já vivi, já estou lutando contra ele há muito tempo”. Nossas estratégias nas redes, e no ciberespaço em geral, são forjadas a partir dessa resiliência e de um conhecimento empírico profundo das dinâmicas de exclusão e aceitação que os teóricos recém-descobertos ainda tentam decifrar.

**Miriam Grossi:** Então, você como se coloca no movimento LGTBIQA+, depois de cinco anos da pandemia, e com toda essa explosão virtual. A gente viveu as explosões das paradas nas ruas nos anos 2000. Como estás vendo as lutas agora?

**Sara York:** Minha jornada me constituiu como travesti, mas hoje eu busco me afirmar como mulher trans. Frequentemente me perguntam: 'Por que você quer ser uma mulher trans, Sara?' Eu sou genuinamente travesti, pois minha vivência foi ao lado de travestis; fui expulsada de casa por me juntar a elas. No passado, tínhamos os “dois T’s” na sigla: travesti



e transexual. De repente, a separação entre mulheres trans e travestis começou a ser desfeita, pois as mulheres trans eram vistas como “limpinhas” e as travestis como “sujas”. É por isso que não quero mais me definir apenas como travesti. Ao me identificar assim, corro o risco de apagar a existência das minhas irmãs que continuam em contextos de prostituição. Será que temos responsabilidade nisso? Estamos pensando direito sobre essa questão? Será que a junção dessas palavras as tornou sinônimos? Ela surtiu o efeito desejado?

Sobre a parada, a grande questão é: será que deixamos de ter a Parada Gay? Lutamos tanto para que fosse uma Parada LGBTQIAPN+, mas será que alcançamos esse objetivo? Não sei se conseguimos uma parada que não seja ainda predominantemente gay. Elas continuam sendo paradas gays, e vejo diversas evidências disso. Eu lutei muito ao lado dos movimentos sociais. Embora hoje eu não tenha nenhuma filiação formal, observo que chegamos ao absurdo de ver os próprios movimentos sociais produzindo notas técnicas para o governo. Se os movimentos sociais trans estão elaborando notas técnicas, qual é, então, a função dos funcionários qualificados que deveriam estar nos governos? São as nossas mentes que estão produzindo esses documentos, um absurdo com o qual ainda não estamos sabendo lidar.

Por outro lado, vejo transformações sociais significativas. Por exemplo, as 'mesas brancas' não existem mais. Hoje, em qualquer evento, se há uma mesa composta apenas por homens brancos cis-hetero, a comunidade não hesita em questionar: “cadê o Exu que estava aqui?”, cobrando a diversidade. Essas mudanças, mesmo que graduais, são sinais de que a luta continua, e com novas estratégias.

**Miriam Grossi:** A gente percebe que tua reflexão sobre movimentos se dá em múltiplas dimensões, não só no movimento trans, LGTBIQA+. Tu tens te declarado como uma pessoa com deficiência, como é que essa dimensão entra na vida? E quando é que esta dimensão da deficiência se politiza?

**Sara York:** Foi um processo muito difícil aceitar a deficiência. Porque, quando você entende que é uma pessoa com deficiência, você passa a depender de aparatos do mundo, e isso é algo que eu não tinha consciência inicialmente. Eu descobri em Londres que nasci com uma deficiência, e essa se tornou uma parte fundamental da minha vida. Quando cheguei lá — era minha primeira vez no exterior —, fui barrada



na imigração e passei seis horas sendo entrevistada. Em um determinado momento, veio um agente bilíngue, que falava português e inglês, e disse que poderia me liberar, mas antes precisava entender o que estava acontecendo.

Contei minha história do começo ao fim, porque eu já tinha algumas percepções e sensações sobre “presenças espirituais” e tinha passado mal tanto no avião quanto na chegada. Após seis horas de entrevista, ele me disse: “Sara, você vai entrar, mas quero te dizer uma coisa, e você tem que estar preparada para a verdade”. Ele começou a narrar minha vida como se fosse um filme, questionando: “Essas coisas de presenças espirituais começaram na adolescência, certo?” E, para minha surpresa, finalizou: “Você nasceu com sífilis congênita. A sífilis congênita provocou uma mudança no seu glóbulo ocular que causou um glaucoma que altera as visões. Conforme você foi crescendo, o glaucoma aumentou a pressão, e você foi perdendo a visão de um olho. Quanto mais você perdia esse olho, maior a pressão e maior seu senso de lateralidade. Você é uma mulher que convive com essa doença”.

Descobrir isso foi uma mudança monumental na minha vida. É nesse ponto que a *Teoria Crip* se torna tão potente e me atravessa. Ela me permite compreender a deficiência não como uma tragédia individual, mas como uma construção social e política, questionando a própria noção de normalidade e funcionalidade. Isso me leva a refletir sobre os dois dossiês que publicamos, bem como sobre o texto que escrevi com Martha Moreira e Anahi Guedes, que aprofundam essa perspectiva. Esses trabalhos são fundamentais para entender como a deficiência se politiza e se integra a outras dimensões da existência, como a racialidade e a transfeminilidade.

Eu me vejo como esse combo: sou intelectual, sou artista, sou travesti, e sou cega de um olho. Essas identidades não são separadas; elas se entrelaçam e moldam a forma como eu experimento e interajo com o mundo, e como busco, ativamente, transformá-lo através do meu trabalho e da minha voz.

**Miriam Grossi:** Como foi sua entrada no mundo do jornalismo, no Canal 247?

**Sara York:** Minha incursão no jornalismo aconteceu de forma bastante orgânica. Fui convidada para participar de um programa no Canal 247 ao lado de duas intelectuais. Durante a conversa, a Professora Mariana Mollica (UFRJ) me incentivou, dizendo: “Sara, você tem muito a dizer, acho que terá que vir aqui mais vezes”. Logo em seguida, o jornalista



Mauro Lopes, um nome muito respeitado na comunicação, me fez uma proposta: "Toda sexta-feira você estará aqui comentando os acontecimentos da semana." Assim nasceu o "Sextou com Sara".

Seis meses depois, quando Mauro saiu de férias, ele afirmou que eu era a única pessoa capaz de apresentar o programa em sua ausência. Não muito tempo depois, a Associação Nacional de Travestis divulgou uma nota, celebrando: "O Brasil tem a sua primeira Âncora Travesti". Esse momento foi um divisor de águas, não só para mim, mas para a representatividade trans na mídia brasileira.

Essa experiência no jornalismo, com sua exposição e a necessidade de comunicar ideias complexas de forma acessível, dialoga diretamente com as ideias centrais da minha tese de doutorado. Minha pesquisa foca na cultura pop e no programa de travestis – não apenas como entretenimento, mas como um espaço de visibilidade e, paradoxalmente, de normatização de corpos e narrativas.

Na tese, investigo por que algumas pessoas são rapidamente aceitas e legitimadas com qualquer tipo de conteúdo, enquanto outras, apesar de um discurso potente e relevante, enfrentam barreiras e resistência. O jornalismo e a visibilidade que conquisei, enquanto travesti, me permitiram observar de perto essas dinâmicas de aceitação e exclusão, de validação e marginalização. As plataformas digitais, que tanto a direita domina, são também palcos onde essas batalhas de narrativa são travadas diariamente, e a representatividade que alcancei no 247 é uma pequena, mas significativa, vitória nesse cenário complexo.

Minha entrada no jornalismo, particularmente no Canal 247, foi um marco que desafiou as posições historicamente limitadas impostas às travestis na mídia. Até então, éramos confinadas a apenas duas narrativas: ou seríamos alvo de riso, seja por ridicularização ou por uma suposta cumplicidade que nos desumaniza ("você vai rir de mim, comigo e/ou apesar de mim, mas vai rir"), ou a notícia sobre nós seria invariavelmente sobre morte, violência e caos. Eu queria ver, e de fato realizei, algo inédito: uma travesti narrando ao lado de jornalistas renomados a subida na rampa do Planalto. Imagine a cena. A primeira entrevista da ministra Esther Dweck, por exemplo, foi concedida a mim e ao jornalista do TV 247. Isso aconteceu porque eu sabia o que ela havia lido e defendido em sua tese – meses depois, minha bolsa CAPES foi aumentada, e eu tive a chance de participar da história. Minha geração não assistiu a isso, a uma travesti que foi colega de bancada de dois dos



principais ministros do governo Lula. Eles seguiram seus caminhos, e eu fiquei, mas eu estava lá, experimentando o fazer histórico.

**Miriam Grossi:** Você poderia nos contar a sua experiência nos Estados Unidos no doutorado sanduíche?

**Sara York:** Fui aos Estados Unidos em 2023, inicialmente convidada para dar aulas na Universidade de Pittsburgh. Me planejei para retornar em 2024/2025 e fazer meu estágio de doutorado sanduíche lá. Eu tinha mais de vinte convites para palestrar em diversas universidades, mas a realidade se impôs de forma brutal.

Logo que cheguei aos Estados Unidos, em janeiro de 2025, o presidente Donald Trump foi empossado e declarou publicamente que retiraria o financiamento de universidades que apoiassem pessoas trans. Automaticamente, as políticas mudaram e, por causa disso, não pude realizar as palestras que já estavam agendadas.

Para mim, foi uma experiência profundamente catastrófica. Foi muito pesado observar que eu estava perdendo justamente o apoio daqueles que me levaram até lá, na própria universidade. Essa reviravolta política não apenas inviabilizou minhas atividades acadêmicas, mas também trouxe uma tristeza imensa, pois o impacto dessas decisões ainda é muito forte e doloroso para a comunidade trans.

**Cristian Darouiche:** Neste ano, a Parada do Orgulho de São Paulo tem como tema o envelhecimento. Como você vê o envelhecimento das pessoas trans e travestis? Você tem pensado em políticas, já que existem relações de parentesco entre as pessoas trans muito vinculadas ao cuidado entre iguais?

**Sara York:** Adorei essa pergunta e queria muito aprofundar essa conversa, principalmente porque, em uma reunião recente com a organização da Parada do Orgulho de São Paulo, fui a primeira a levantar a questão do envelhecimento diferenciado da população trans e travesti. Para mim, o envelhecimento no Brasil se manifesta em três pontos fundamentais:

Um Envelhecimento Bio-Fisiológico: Este é o desgaste do corpo pelo tempo, que tem muito a ver com as condições físicas e de saúde. No entanto, esse envelhecimento se diferencia enormemente de acordo com a qualidade de vida de cada pessoa. É por isso que vemos mulheres de 70 anos com exames que indicam a vitalidade de uma pessoa de 50. Por



exemplo, as mulheres 'sapatão' (e uso esse termo para ecoar a linguagem dos movimentos sociais) muitas vezes não usaram métodos contraceptivos que, historicamente, impactam o corpo feminino de outras formas, e isso certamente tem a ver com o envelhecimento de seus corpos.

O segundo, que é um Envelhecimento Sociológico (ou sociogênico): onde este aspecto está ligado ao grupo e à cultura, definindo quais são os “grupos de velhos” em uma determinada sociedade. As normas culturais e sociais moldam a percepção e o tratamento da velhice, e para a população trans e travesti, essa dimensão é profundamente marcada pela exclusão e pela falta de reconhecimento histórico.

O terceiro ponto que observo é o Envelhecimento da Performance: Este se manifesta na encenação da velhice, uma apropriação de estereótipos para acessar certos privilégios, como conseguir um assento preferencial no avião ou entrar em determinados lugares com mais facilidade.

No entanto, é crucial entender que essa “performance” se insere em um cis-tema de curtos, cenas e esquemas, onde o “jeitinho” não é uma falha do Estado, mas sim um recurso desesperado de quem busca uma vida minimamente menos indigna. Não se trata de uma estratégia elaborada, mas de uma tática de sobrevivência. Imagine a situação de um pai que precisa manter o cordão permanente do filho no carro, não por conveniência, mas porque sua vida está completamente caótica, e esse é o único “jeitinho” que ele encontrou para lidar com a burocracia e a desorganização. Essa é a realidade de muitos, que precisam performar para navegar um sistema que não oferece suporte adequado, empurrando-os para a margem da dignidade.

É crucial pensar em políticas públicas que considerem essas múltiplas camadas do envelhecimento, especialmente para pessoas trans e travestis, cujas trajetórias de vida frequentemente envolvem desafios sociais e de saúde únicos. A rede de apoio e os “parentescos” construídos entre iguais são um testemunho da resiliência e da necessidade urgente de políticas que realmente as amparem.

**Miriam Grossi:** Como você está vendo a presença de pessoas trans nas universidades no Brasil? Enquanto pesquisadoras, enquanto professoras, enquanto estudantes? O que deu certo nas lutas dos movimentos trans? O que ainda falta para o ingresso dos corpos trans nas universidades?



**Sara York:** Eu caminho com o caos. Minha aprendizagem se deu na beirada do abismo. Peguei as peças que outros, que se atiraram no abismo, deixaram pelo caminho. Minha geração, mais do que nunca, aprendeu a fazer festa diante do caos. Não sei se as novas gerações perceberão isso com a mesma clareza. Aprendi a enxergar o caos, e o doutorado, a pesquisa, me deram essa visão. Minha casa dos sonhos não veio do salão de beleza; ele abriu as portas, sim, mas foi a academia que me permitiu conquistá-la. A academia me ensinou a entrar, a sair, a me sentir bem, e acredito que ela pode fazer isso por muitas outras pessoas.

Minha trajetória acadêmica e profissional tem sido um testemunho da crescente, mas ainda frágil, presença trans nesse espaço. Fui convidada para palestrar em diversas universidades nos Estados Unidos, o que demonstra o reconhecimento internacional do meu trabalho acadêmico. Recentemente, em um documento que enviei à Casa de Oswaldo Cruz, expressei meu objetivo de contribuir para a expansão das discussões sobre identidades, diversidade e direitos humanos no campo bio-sócio-educacional. Inclusive, proponho a criação de disciplinas como "Educação, Identidades e Direitos Humanos: Perspectivas Trans, Queer e Crip" e "Corpos, Gênero, Sexualidade e Deficiência na Escola: Currículo e Práticas Pedagógicas na Diferença". Nesses trabalhos, reflito sobre a importância das transepistemologias para a ética trans-humana, destacando a necessidade de fortalecer a comunidade e oferecer ferramentas para a auto compreensão e a luta política. É crucial abordarmos a violência epistêmica contra pessoas trans e ecoar nossas narrativas, pois, apesar de estarmos em um campo aberto próspero, dias vindouros serão pesados, e ainda estamos longe dos dias de abraço e paz.

O que deu certo nas lutas dos movimentos trans é a abertura de portas, ainda que estreitas. As cotas e políticas afirmativas, por exemplo, representam um passo crucial para o ingresso de estudantes trans. Eu sou um exemplo disso: minha dissertação/tese de doutorado sobre cotas trans foi a primeira do Brasil, um marco que espero ter pavimentado o caminho para muitas outras pesquisas e ações. A exigência do nome social e a discussão sobre a retificação de documentos dentro das universidades também são vitórias que humanizam o ambiente acadêmico, permitindo que as pessoas trans existam plenamente em suas identidades.

No entanto, há um longo caminho a percorrer. Para o ingresso e a permanência dos corpos trans nas universidades, ainda faltam:

Acolhimento Estrutural, uma vez que muitas instituições carecem de uma infraestrutura que vá além do básico, com banheiros inclusivos e



espaços seguros onde a transfobia seja ativamente combatida. A mera presença não significa pertencimento.

Capacitação e letramento, são outra con/tra/dição onde professores, funcionários e estudantes precisam de formação contínua sobre as pautas trans, para que a transfobia seja combatida não apenas nas regras, mas no dia a dia das interações. É preciso ir além da tolerância e construir um ambiente de genuíno respeito.

Representatividade em posições de poder, uma vez que ainda somos poucas em cargos de docência efetiva e em posições de gestão. Ter pessoas trans em lugares de decisão é fundamental para que as políticas de inclusão sejam de fato implementadas e a pauta trans avance de dentro para fora.

E por fim, políticas de permanência robustas, onde o ingresso seja o primeiro passo, mas a permanência esteja sob um olhar atento. Muitas pessoas trans chegam à universidade com um histórico de vulnerabilidade social e precisam de apoio psicossocial, auxílio financeiro e programas de mentoria que reconheçam suas especificidades. Ganho abraços e beijinhos de muitas gentes que me ama, me segue e me admira, mas segue sem saber a diferença entre mulher trans e travesti. Adianta me vender como expert em nordeste e não saber a diferença em Rio Grande do Norte e o povo gaúcho? Não aprenderam a diferença de décadas entre GLS e LGBTI, mas sabem o passo a passo do PIX (sistema de transferência financeiro) implementado nos últimos anos.

A academia tem se tornado um espaço de resistência e de construção de novas narrativas para a população trans por que a vida paralisou as pessoas "normais" com uma pandemia, mas a luta por uma inclusão plena e transformadora está longe de acabar!

A cada dia, respiremos, é um novo dia!



## Celebrating in the midst of chaos. Interview with Sara Wagner York

**RESUMO:** The interview with Sara is an invitation to learn not only about a personal story of struggle for reconfirmation and resistance to transphobia, but especially to reflect on three issues of great importance for feminist and queer theories in Brazil: a) the epistemic impact that the strong presence of transvestite and trans intellectuals has brought to Brazilian Universities in the last decade, b) the strength of the LGBTQIA+ movements in Brazil and, finally, c) the importance of new technologies in the field of education, this being one of Sara York's main contributions to the fields of feminist and queer studies in Brazil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sara Wagner York. Activism. LGBTQIA+. Education.

**Miriam PILLAR GROSSI**

*Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Programa de Pós-graduação do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC).*

<https://orcid.org/0000-0002-4399-6544>

**Cristian DAROUICHE**

*Universidad Nacional de Mar del Plata. CONICET. Bolsista CAPES “Move la América” Programa de Pós-graduação do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC).*

<https://orcid.org/0000-0002-1502-5759>



*Recebido em: 24/06/2025*  
*Aprovado em: 26/06/2025*